

A EXPERIÊNCIA CONSTRUÍDA PELOS JOVENS URBANOS DE BELÉM NO PARÁ: RELATOS DE UMA PESQUISA

Maria de Fátima da FONSECA¹

RESUMO: Este texto apresenta parte de uma experiência de pesquisa junto a jovens urbanos dos povos da Amazônia, desenvolvida nos anos de 2004 e 2005 e apresentada, na forma de tese de doutoramento, no ano de 2006, na qual buscamos apresentar alguns elementos da história e da cultura dos povos que habitam a Amazônia paraense na cidade de Belém/PA, que permitiram uma melhor compreensão de aspectos da sociabilidade desses grupos. Aqui, expomos algumas referências teóricas e históricas que balizaram nossas reflexões sobre a experiência construída pelos jovens moradores da cidade de Belém; o modo como construímos a síntese de elementos da consciência deste jovem enquanto sujeito coletivo; e, por fim, sintetizamos aquilo que esta experiência juvenil nos mostrou ao longo de todo o trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia. Jovens. Formação cultural.

ABSTRACT: *The Amazon is the result of different moments in the formation of the Brazilian nation, from contact among peoples of different lifestyles, going through subjugation of locals, abolition of slavery and various tensions in the 20th century. Guamo district is located in the outskirts of the city of Belm, capital city of Par state. It is the locus of difference among local, national and international tensions. This study focused on urban youngsters from the outskirts of Belm, a city reflecting its roots and history from the forest in the everyday urban life.*

KEYWORDS: *Urban youngsters. The Amazon forest.*

Introdução

A Amazônia é o resultado de vários momentos de formação do Estado Brasileiro, desde o encontro dos povos com existências diferentes, passando pela subjugação dos povos locais, pela abolição da escravidão, e pelas várias tensões ocorridas no século XX - por mais que elas não tenham merecido uma análise exaustiva dentro da Amazônia paraense.

¹ UNAMA - Universidade da Amazônia. Centro de Ciências Humanas e Educação. Belém – Pará – Brasil. 66.025-660 – fatimafonseca@uol.com.br

Artigo - A experiência construída pelos jovens urbanos de Belém no Pará: relatos de uma pesquisa

Sua distância com o poder central do Brasil não impediu, ou impede, porém, que o desenvolvimento econômico, nacional e internacional, delineassem, ou delineiem, suas diretrizes de uso e troca dos recursos existentes.

A cidade de Belém é o *lócus* da diferença e da tensão entre a existência local, nacional e internacional. O novo e o velho convivem, se enfrentam, se fundem e se reconstróem.

A velha forma do capital, que é a sua necessidade de controlar socialmente uma força natural, de utilizá-la, de apropriar-se dela ou domá-la por meio de obras em grande escala feitas pelo homem, desempenha o papel mais decisivo na história da indústria. As indústrias de Belém são especiais: hidrelétricas e fábricas de alumínio. A matéria-prima: a água, o ferro, a bauxita, calcário. A cidade é a sede do poder que entra sem pedir licença aos donos do lugar.

Dentro dessa reprodução ampliada de diferenças nas relações sociais estão os jovens das classes subalternas na cidade de Belém, no Estado do Pará, que convivem com as intensas mudanças dos aspectos urbanos da cidade. Essas mudanças, por conta dos investimentos capitalistas, favorecem ou dificultam a sociabilidade juvenil de acordo com a grande divulgação que recebem da mídia paraense.

A experiência construída pelos jovens urbanos de Belém integrou nossa pesquisa de doutoramento, intitulada *Jovens urbanos dos povos da Amazônia na cidade de Belém/PA*, defendida no ano de 2006, junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Faculdade de Ciências e Letras, da Universidade Estadual Paulista, e buscou apresentar alguns elementos da história e da cultura dos povos que habitam a Amazônia paraense na cidade de Belém, permitindo uma melhor compreensão de aspectos da sociabilidade dos jovens urbanos.

Neste breve relato, apresentaremos parte de nossa experiência de pesquisa, expondo algumas referências teóricas e históricas que balizaram nossas reflexões sobre a experiência construída pelos jovens moradores da cidade de Belém/PA; o modo como construimos a síntese das representações sociais, ou mais precisamente, de pensamento deste jovem, enquanto sujeito coletivo; e, por fim, a síntese daquilo que a experiência dos jovens nos mostrou ao longo de todo o trabalho.

Referências teóricas e históricas

A pesquisa estudou os jovens urbanos dos povos da Amazônia na cidade de Belém, tomando como categorias analíticas, em destaque, o tempo histórico, a existência e a experiência social.

O tempo, porque é o que marca o corpo humano: limita as idades e os ciclos da vida, a infância, a juventude, a fase adulta e a velhice. No estudo em questão, foi considerada a faixa etária de 15 a 24 anos como a etapa da vida em que as pessoas são consideradas jovens. Nessa faixa foi concentrada a atenção teórica, considerando-se que o tempo cíclico e

**Artigo - A experiência construída pelos jovens urbanos de Belém no Pará:
relatos de uma pesquisa**

cronológico é também tempo histórico. Mas, há também um tempo histórico, que permite o desenvolvimento de determinados comportamentos econômicos em que a produção dos produtos utilizados é medida pelo tempo do relógio e é distribuído pela tecnologia de comunicação e informação existente na sociedade.

Porém, nessa mesma sociedade o tempo histórico é também o tempo do corpo das pessoas. E é dentro desse tempo, seja do ciclo da vida ou do relógio, que as experiências pessoais e coletivas são construídas, destruídas ou resgatadas.

Na Amazônia paraense o tempo histórico foi alterado intensamente no século XX. A decadência econômica do ciclo da borracha distanciou o interior do estado de sua capital. Por muitos anos houve essa separação.

Para Brito (2001), o Estado implantou na Amazônia a política de modernização forçada. O extrativismo da borracha era realizado por mão-de-obra livre, no começo do século. Durante a segunda guerra mundial o poder político e o capital industrial moderno tomaram o curso do crescimento econômico. Essa dinâmica interna trouxe o progresso técnico representado pelas obras de portos, ferrovias, bancos e a burocracia estatal. Vieram juntos produtos de consumo que se espalharam pelo interior do Estado. Durante o governo militar a Amazônia voltou ao cenário por meio dos grandes projetos econômicos.

Da mesma forma que essas novidades chegaram também desapareceram. E assim o tempo histórico e o tempo econômico puderam caminhar juntos ou separados na experiência coletiva dos povos da Amazônia. Alguns de seus habitantes foram inseridos na produção e no mercado internacional, por algum tempo, e depois retirados. E a cidade de Belém, capital do Estado foi o ponto de encontro dessa dualidade econômica.

A produção industrial de bens e serviços foi resultado de um ciclo econômico que ocorreu desligada da existência nativa dos povos da Amazônia paraense, mas foi referendado pelo poder político governamental. O uso desses bens e serviços foi estimulado e até subsidiado pelo governo instalado na capital, entretanto, dentro do grande espaço amazônico, esses bens e serviços não foram assegurados para todos os seus habitantes. A oferta e ao mesmo tempo a negação de acesso a eles, tem sido constante. Essa permanente tensão entre a produção e o acesso a bens e serviços permeia a experiência dos povos nativos.

E assim, o sujeito histórico experimenta na sua vida as situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses próprios e como necessidades e interesses antagônicos a outras pessoas ou grupos. É nesse momento que os sujeitos "tratam" essa experiência em sua consciência e sua cultura das mais complexas maneiras. A experiência histórica permite a convivência e a tensão entre as relações sociais, pois nelas os sujeitos poderão agir ao longo de uma situação determinada e construirão novas relações sociais.

Na Amazônia paraense as novas relações sociais são construídas permanentemente por adultos e jovens, principalmente quando o Estado

**Artigo - A experiência construída pelos jovens urbanos de Belém no Pará:
relatos de uma pesquisa**

enquanto poder público interfere e modifica o espaço territorial e social de seus povos, pois esse Estado se impõe e oferece aos nativos serviços públicos mínimos – escolas, posto médico e polícia, mas em outros espaços dessa mesma Amazônia paraense, o progresso técnico é visível nos vários empreendimentos econômicos agrícolas e extrativistas. Cidades surgem, criam-se necessidades e produtos para supri-las. Os produtos podem vir dos empreendimentos econômicos instalados na Amazônia paraense ou de lugares mais distantes.

Com isso, torna-se possível a convivência de dois tempos históricos. O tempo dos nativos – índios, ribeirinhos, agricultores, pescadores - que mantêm sua existência com recursos próprios, pois retiram da natureza o que precisam para sua reprodução social; e o tempo dos outros agentes – que são os mais diversos trabalhadores assalariados, garimpeiros, servidores públicos, comerciantes, religiosos, turistas, e outros agentes sociais estranhos que vão demarcando as diferentes experiências coletivas dentro do mesmo espaço de convivência. Contudo, ainda se pode observar que a reprodução social alimenta relações de solidariedade em certas áreas da cidade de Belém.

E assim a existência enquanto categoria de análise permite identificar nos jovens fragmentos de comportamentos próximos a uma visão romântica, sonhadora e simples da vida que destoa completamente com tudo o que a grande cidade apresenta que é a diversão e o individualismo, este provocado pelo consumo cada vez mais intenso e diversificado de produtos e bens.

Portanto, os povos nativos (índios, ribeirinhos, pescadores e pequenos agricultores) da Amazônia e outros povos que aqui convivem só podem ser interpretados dentro dessas complexas categorias de raciocínio, pois o desenvolvimento urbano em que a região está submetida corresponde a uma tensão e desencontro entre essas três categorias destacadas, haja vista que nelas estão a produção, a reprodução física e social e elementos da própria transformação social.

Conhecer o movimento que articula e desarticula essas três dimensões – tempo histórico, existência e experiência – carecem, como diz Gramsci (1978, p. 129), “[...] das noções científicas que possam introduzi-los na vida estatal e na sociedade civil”, pois a vida estatal e a sociedade civil foram desenvolvidas dentro de uma concepção histórico-dialética do mundo, e isto significou a “[...] valorização da soma de esforços e de sacrifícios que o presente custou ao passado e que o futuro custa ao presente, para a concepção da atualidade como síntese do passado, de todas as gerações passadas, que se projeta no futuro.” (GRAMSCI, 1978, p.130).

Estudar a existência dos jovens no tempo correspondente ao final do século XX e início do século XXI dentro da experiência social dos povos da Amazônia é reconhecer um nexos dinâmico e conflituoso de concepção da vida entre o homem do campo e da cidade, pois a urbanização modifica permanentemente a vida do campo que se desenvolve no ritmo da natureza e a vida da cidade visto que as pessoas estão preocupadas em

Artigo - A experiência construída pelos jovens urbanos de Belém no Pará: relatos de uma pesquisa

satisfazer interesses práticos imediatos de habitação, saúde, escolarização, emprego e utilização dos mais diferentes bens materiais.

O jovem paraense é essa síntese histórica campo-cidade e das gerações passadas, que se projeta a um futuro. A dificuldade que ele manifesta com relação ao trabalho agrícola é a mesma dificuldade histórica de reconhecimento de uma dimensão existencial onde a natureza tem um lugar de destaque, mas que precisa ser expulsa da experiência contemporânea de vida porque é vista como "arcaica", "tradicional", "camponesa", a não ser que possa ser reconhecida como exótica, ou paisagística.

A experiência social dos povos nativos da Amazônia marca um tempo histórico dissonante na sociabilidade contemporânea, pois nela

[...] a vida recíproca dos homens vem de uma ordem respeitada por convenção espontânea e não apenas como imposição externa, por necessidade reconhecida e proposta pelos próprios homens como liberdade e não por simples coação. (GRAMSCI, 1978, p.130).

O Estado como um demarcador da civilização capitalista é estranho e pouco presente na experiência coletiva dos povos nativos da Amazônia paraense, pois esse Estado viabiliza o mercado de bens, produtos e serviços, visíveis em alguns momentos e em alguns espaços amazônicos. A convivência com ambos (Estado e mercado) ainda não se tornou aprendizagem efetiva, conhecimento cotidiano para todos os povos nativos. Como o jovem urbano ainda é muito próximo dos povos nativos, a aprendizagem fragmentada a respeito do Estado e do mercado pode distanciá-lo de direitos já reconhecidos por lutas de outras sociedades e isso se reflete no comportamento social e de muitos jovens.

Esse pode ser o motivo pelo qual lhes seja possível pensar que não é só o mercado e o Estado com suas leis que regem a existência humana, mas, a convivência pautada pelo homem que tem esperanças e expectativas no futuro, mesmo que isso lhe custe dor e sofrimento, como no caso em estudo, em que os jovens se sentem responsáveis pela família e pelos pais.

O reconhecimento dos jovens

O trabalho de campo realizado junto aos jovens contou com sessenta e duas entrevistas, realizadas no segundo semestre do ano de 2004 e primeiro semestre de 2005, com jovens entre 15 e 24 anos, dos quais, trinta e três mulheres e vinte e nove homens.

Alguns jovens são nascidos e residem em Belém. São também estudantes do Instituto Regional de Formação Presbiteral (IRFP) que, através de cursos de graduação em Filosofia e Teologia, para homens e mulheres, prepara sujeitos para o clero para a região amazônica. Entre os

Artigo - A experiência construída pelos jovens urbanos de Belém no Pará: relatos de uma pesquisa

últimos, muitos são oriundos de municípios paraenses e do estado do Maranhão e entraram na pesquisa por corresponderem a migrantes que vêm para a cidade em busca de estudo ou de trabalho, pois, ainda hoje, para muitas famílias de baixo poder aquisitivo nos municípios distantes da capital, o Instituto Católico é uma alternativa para avançar nos estudos, por causa da carência de cursos superiores fora da capital no Estado do Pará.

Na cidade de Belém, esses jovens vivem nos bairros Guamá, Marco, Jurunas, Telégrafo, Terra Firme, Canudos e Cidade Velha da cidade de Belém, que correspondem às áreas de moradia mais antigas da cidade.

Os jovens de Belém, da parte mais antiga de Belém ou do município de Ananindeua – área que inclui os bairros novos -, participam da mesma situação urbana e do trânsito rural-urbano amazônico, pois visitam ou passeiam com certa regularidade nos municípios vizinhos a capital. Morar na capital e estar constantemente nos municípios predominantemente rurais, enriquece a experiência de vida desses jovens na Amazônia.

Esses homens e mulheres foram investigados para que informassem como vivem na Amazônia – local de sua existência -, materializada na experiência cotidiana de encontros com seus pais, amigos, outros jovens, e desencontros na organização da cidade pelos governantes, empresários e a mídia.

Quem busca vê-los como seres concretos, como buscamos em nosso trabalho, apresenta o direito como uma forma que a sociedade contemporânea possui de reconhecer e valorizar o ser que se faz e que, por isso, precisa ter garantido seu direito a essa singularidade. Para Augusto Caccia-Bava, esta discussão deve privilegiar “[...] o caráter político dos direitos constituídos. E, no caso dos jovens, a premissa estaria na possibilidade da co-produção da segurança urbana, para expansão de seus direitos civis.” (CACCIA-BAVA, 2004, p.53).

Nosso estudo procurou desvendar que tipo de experiências o ser jovem constrói para si e que serve de indicativo para os outros jovens na cidade de Belém que procuram encontrar um lugar social confortável, acolhedor e que se esforce para ajudá-los a construir essa difícil ponte para as grandes tomadas de decisão pessoal e social. E foi desenvolvido como um fato não acabado, um processo que precisa ser visibilizado, reconhecido, identificado.

Os jovens foram reconhecidos num processo de:

[...] relação social de investigação considerando-se que esta sendo utilizado o conceito de etnografia enquanto descrição do processo de recolhimento de dados empíricos durante um período de tempo, e que utilizou como instrumento central a observação participante num contexto local específico, acompanhando o cotidiano de vida de um grupo social particular. (CARIA, 1999, p.5-6).

Essa postura metodológica tem em Telmo Caria um grande defensor. Ele mesmo argumenta que,

Artigo - A experiência construída pelos jovens urbanos de Belém no Pará: relatos de uma pesquisa

[...] a investigação envolve características que considera relevante para o modo de conceptualizar o processo de construção do conhecimento científico; (1) o investigador foi tido como um “estranho competente”, isto é, alguém que apesar de exterior ao grupo é reconhecido como detendo competências naquilo que é culturalmente específico ao grupo de trabalho; (2) o grupo possuía capacidades para se aproximar da racionalidade científica da investigadora. Assim, existia um amplo espaço de potenciação da reflexividade entre os universos simbólicos das duas partes, facto que tornou a investigação mais permeável à influência dos etnocentrismos iniciais de cada um e aos efeitos das desigualdades culturais. (CARIA, 1999, p.6).

Por isso, em nossa tese de doutoramento a apresentação da fala dos jovens ressaltou a percepção social deles, como um sujeito coletivo. Partimos das falas, em estado bruto, que ao serem submetidas a um trabalho analítico, permitiram selecionar os principais temas e idéias presentes nos depoimentos individuais e na reunião deles, terminando sob uma forma sintética, por meio do qual buscamos a reconstituição da representação social ou de pensamento do jovem como um sujeito coletivo dentro da cidade.

A organização das entrevistas com os jovens e seus conteúdos

As entrevistas com os jovens foram organizadas a partir de dezessete perguntas sobre suas experiências de vida. Analisamos as respostas em cinco grupos temáticos: 1- A ética da existência juvenil; 2 – Reprodução Social na experiência juvenil em Belém; 3 – Contemporaneidade na cidade de Belém; 4 – A construção social da cidade na ótica juvenil e 5 – A formação dos jovens nos grupos. Tudo isso ajudou na reflexão sobre a existência dos jovens na cidade de Belém.

O primeiro grupo temático agrupou três questões: o que o jovem considera mais importante na sua vida, o que o jovem gostaria de ter para sentir-se feliz e o que o jovem possui que não gostaria de dividir. Assim, buscamos evidenciar a experiência do cotidiano, na sociedade contemporânea, como referência àquilo que a pessoa tem ou pode ter, ou ainda, àquilo que tem visibilidade pública. O que, em nosso caso, só foi possível em termos de relacionamento social, o que pode ser favorecido por uma intensa e extensa relação familiar para o acesso aos bens de consumo disponíveis na cidade grande.

As perguntas estiveram direcionadas à compreensão dos jovens sobre o que é importante para sua vida, o que gostaria de ter para sentir-se feliz e o que tem que não gostaria de dividir. As respostas indicaram a inserção dos jovens na sociedade urbana e contemporânea, que em Belém tem habitantes com modos de vida diferenciados por conta de um intenso

**Artigo - A experiência construída pelos jovens urbanos de Belém no Pará:
relatos de uma pesquisa**

trânsito rural-urbano que aproxima os que nela residem, trabalham ou a visitam.

O segundo bloco de questões foi composto pelas seguintes perguntas: o que falta para que toda a família viva bem?; como adquire as coisas que precisa?; e qual o período do dia que mais gosta? Deu ênfase na visão e na pré-disposição do jovem a participar da reprodução social.

O bloco três foi denominado de contemporaneidade, sendo composto das seguintes questões: que coisas você precisa no seu dia-a-dia?; o que lhe agrada na rua?; o que lhe desagradava na rua?; gosta de ficar em casa e o que faz quando fica em casa?; do que tem mais medo hoje?; o que faz no mês das férias?

As perguntas buscaram interpretar o desenvolvimento da existência do jovem na cidade, podendo incluir o dinheiro para satisfação de suas necessidades básicas, mas também os sonhos e os desejos de consumo propiciados pelo comércio e serviços abundantes na cidade.

A resposta da segunda questão, o que os jovens ou as jovens precisam no dia-a-dia, aparece com maior visibilidade nos seus depoimentos, podendo ser decomposto da seguinte forma.

Eles precisam de relações pessoais e sociais de apoio à realização pessoal, e de geração de trabalho/renda.

Os jovens colocam um peso muito forte na convivência com pessoas mais próximas, família, pais, parentes e amigos, pois isso lhes garante um apoio afetivo e efetivo às suas necessidades de moradia, estudo, e relacionamento pessoal.

Eles relacionam vários comportamentos importantes para a vida como: amor, carinho, atenção, justiça, paz, paciência. Esses comportamentos constituem relações sociais, além do mercado de consumo. Essa expectativa não pode ser satisfeita com os produtos de mercado.

O trabalho assalariado aparece em um depoimento como imposição à vida do jovem, pois está ligado diretamente ao dinheiro, com o qual terá acesso a produtos ou serviços necessários à sua vida.

Note-se que nessas respostas o mais importante são as pessoas. Pessoas que podem ajudá-los. Mas, também, pessoas com quem querem conviver intensamente. A ênfase colocada está nas relações sociais.

Ao mesmo tempo que precisam de relações sociais, essas devem ligar as pessoas dentro de um espaço físico, e a rua nem sempre é o lugar de encontro. Ali, caminha-se, lado a lado, mas ela não permite a constituição de um grupo, de um "sujeito". É povoada por um amontoado de seres em busca de novas relações, que na maioria das vezes não se realiza.

O bloco quatro tratou da construção social da cidade na ótica juvenil e possibilitou que verificássemos que os jovens fazem um traçado urbano para a cidade de Belém. Nessa configuração está o que Lefebvre chama de habitar.

Para ele, "[...] na sociedade urbana, para reencontrar o habitar e seu sentido, para exprimi-los, é preciso utilizar conceitos e categorias

**Artigo - A experiência construída pelos jovens urbanos de Belém no Pará:
relatos de uma pesquisa**

capazes de ir aquém do 'vivido' do habitante, em direção ao não-conhecido e ao desconhecido da cotidianidade." (LEFEBVRE, 2002, p.81).

Sendo assim,

[...] o "ser humano" (não dizemos o homem) só pode habitar como poeta. Se não lhe é dado, como oferenda e dom, uma possibilidade de habitar poeticamente ou de inventar uma poesia, ele a fabricará à sua maneira. Mesmo o cotidiano mais irrisório retém um vestígio de grandeza e de poesia espontânea, exceto, talvez, quando não passa de aplicação da publicidade e encarnação do mundo da mercadoria, a troca abolindo o uso, ou o sobredeterminando. (LEFEBVRE, 2002, p.82).

Por isso,

[...] o habitar não deve ser estudado como resíduo, como vestígio ou resultado dos níveis ditos "superiores". Deverá, ser considerado como fonte, como fundamento, como funcionalidade e transfuncionalidade essenciais. Teórica e praticamente, efetuamos uma reinversão de sentido: o que parecia subordinado eleva-se ou retorna ao primeiro plano. O predomínio do global, do lógico e do estratégico ainda faz parte do "mundo invertido", que é preciso reinverter. Tenta-se aqui, uma *decodificação da realidade* urbana inversa da habitual, a partir do habitar e não do monumental (este último não sendo por isso condenado, mas reconsiderado). Assim, o próprio movimento dialético e conflituoso, ao mesmo tempo teórico e prático, do habitat e do habitar passa ao primeiro plano (LEFEBVRE, 2002, p.84, grifo do autor).

Dessa forma, o jovem está no processo dialético de ocupação da cidade para que nela possa construir sua existência. Ele tem consciência de que precisa, por mais que sua experiência lhe tenha negado na prática cotidiana, desse direito de habitar com dignidade. No plano da consciência, o jovem elabora seu mundo. O mundo que pode ser plenamente habitado.

Os jovens estudados revelaram uma vivência urbana que favorece a sociabilidade quando indicaram situações que os agradam na cidade e também dificuldades de viver na cidade como sendo o que lhes desagrada e lhes causa medo, e são muitos, porém na experiência pessoal e coletiva estão elementos educativos de resistência social ante os aspectos dominantes da modernidade brasileira que poderiam colocá-los à margem da sociedade de seu tempo.

No quinto e último bloco procuramos revelar o comprometimento do jovem com o grupo no qual convive dentro da cidade e esta convivência tem por conteúdo seu ingresso no grupo, os assuntos lá tratados e a importância a ela atribuída ajudarão na compreensão das práticas educativas das classes subalternas que está se desenvolvendo em sua formação social. Por isso foi composto das questões: como surgiu a idéia

**Artigo - A experiência construída pelos jovens urbanos de Belém no Pará:
relatos de uma pesquisa**

de participar de um grupo?; qual/quais assuntos são tratados nos encontros?; você acha importante se juntar a outros jovens? Por quê?

Os habitantes da cidade de Belém entraram na historiografia oficial do Estado por meio de uma participação ativa, registrada como Cabanagem. Ainda hoje, é possível afirmar que essa participação ativa faz parte das experiências coletivas presentes no cotidiano das relações sociais mais simples que o "homem" da região constrói, seja no isolamento da selva, nos caminhos sinuosos dos rios, dentro de suas casas ou na cidade.

E foram essas experiências que lhes permitiram manter a continuidade da existência na cooperação entre o homem e o meio ambiente, na solidariedade e na convivência dos pequenos grupos. É a união para o aterro das ruas, são os abaixo assinados que reivindicam saneamento, segurança pública, educação e saúde.

Para Edmundo Dias (1996), citando Gramsci, a hegemonia não é uma construção artificial elaborada por intelectuais, nem o produto de uma visão sectária de militantes. Ela está no dia-a-dia. Os povos da região mesmo em contato com o modo de produção capitalista encontraram a maneira de resolver suas condições de existência e suas experiências coletivas, construíram as condições necessárias para tal. Foi esse o alicerce para uma nova racionalidade de vida na cidade grande.

Os moradores que são trabalhadores explorados e expropriados de suas condições de trabalho na cidade e no campo, que aqui nasceram ou vieram residir forçados por inúmeras situações econômicas de seu local de origem, só puderam sobreviver porque se apoiaram em suas próprias forças. Mas, para reconhecer esse processo de afirmação de uma "prática" ou de uma "experiência" coletiva, é preciso ir além dos estudos feitos sobre "participação e cidadania".

A pesquisa nacional *Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas*² é um exemplo: Foram pesquisados jovens de 15 a 24 anos na Região Metropolitana de Belém (RMB), sob a coordenação da Universidade Popular (UNIPOP), no período de setembro de 2004 a abril de 2005. Foi uma pesquisa de opinião que envolveu uma amostra de 600 jovens (181 - de 15 a 17 anos, 184 - de 18 a 20 anos e 235 - de 21 a 24 anos), seguida de quatro grupos de diálogo com um total de 98 jovens.

Para os entrevistados, as principais preocupações na Região Metropolitana de Belém estavam relacionadas à violência e à fome (13,82%), à falta de oportunidade de trabalho e emprego (12,76%), educação com qualidade (11,70%) e desigualdade social (10,63%).

Um destaque importante nessa pesquisa é o acesso às atividades culturais e de lazer, mas essas foram vistas como uma forma de ocupação do tempo ocioso do jovem, do afastamento de práticas ligadas ao crime, violência e prostituição e não como período de amadurecimento físico, pessoal e social.

Os espaços mais freqüentados pelos jovens foram os parques e praças (66,5%), os shoppings (55,0%), teatros (19,5%), museus

² Confira Dantas (2005).

**Artigo - A experiência construída pelos jovens urbanos de Belém no Pará:
relatos de uma pesquisa**

(11,1%). Do total geral dos entrevistados, 38,3% afirmam não ter lido nenhum livro completo durante o ano.

A participação de jovens em grupos, entidades e organizações sociais foi de 19,8% e, dos que fazem parte de algum grupo, prevalece a participação masculina. Os pesquisadores interpretaram esse fato como a cultura da não-participação, que parece ser a tônica entre os jovens da Região Metropolitana de Belém (RMB).

E a baixa participação estaria concentrada nas atividades religiosas (36,1%), seguida das atividades de música, teatro e dança (31,9%) e das desportivas (22,7%).

A participação em atividades de caráter mais político ou de intervenção social é baixa: nas atividades estudantis, 9,2%; ações de melhoria das condições de vida, 3,4%; comunicação e meio ambiente, 2,5%; atividades político-partidárias, de arrecadação de alimentos e defesa de direitos com ínfimos, 0,8 % cada uma.

No estudo se nota que os pesquisadores fazem uma crítica à não participação dos jovens em atividades político-partidárias e não valorizam a participação dos jovens em atividades marginais à tomada de decisões dos governantes, como as atividades estudantis, na melhoria de condições de vida, meio ambiente, de música, teatro e dança, esportes e religiosas que estão ocupando o tempo de muitos jovens.

Na pesquisa nacional *Perfil da Juventude brasileira*³, na região Norte/Centro Oeste, 80 % dos jovens urbanos participam em grupos culturais. Sobre o conhecimento de grupo cultural jovem no bairro ou comunidade, por região e local de moradia, (46 %) desses jovens conhecem os grupos de música, dança, teatro, Rádio Comunitária, Patins/Skate, bicicleta, grafite e pichação, como Brasil. Os dois grupos culturais mais citados são de música e dança. 54% não conhecem nenhum desses grupos.

Na Região Norte/Centro-Oeste 19% não participam de grupos.

Dos 15% de jovens, do Brasil que participam de grupos, as atividades de participação são de jovens da Igreja, música, dança, teatro, futebol e outras.

A participação em associações e entidades no Brasil é maior nos grupos religiosos, com uma participação de 17%.

A forma de atuação em atividades ligadas à política é informativa: palestras e cursos com vista ao voto consciente.

A percepção da influência pessoal do jovem na política é maior para os homens na faixa de 15 a 17 anos. Menor, para os homens na faixa de 21 a 24 anos. Para as mulheres essa percepção é maior na faixa de 21 a 24.

Pelas informações contidas nessas duas pesquisas, existem muitas dificuldades para a participação dos jovens e para que compreendam a influência que podem exercer na política.

³ Confira Perfil..., 2003, p.369-446.

Artigo - A experiência construída pelos jovens urbanos de Belém no Pará: relatos de uma pesquisa

Mas, para nós, pensar dessa forma não permite compreender como está se desenvolvendo a experiência pessoal dos jovens em Belém que possa remeter à formação sociocultural mais ampla.

Considerações Finais

Os jovens urbanos dos povos da Amazônia na cidade de Belém do Pará revelaram que sua experiência:

- Consolida seu processo de afirmação e negação social, processo esse produzido pelas contradições da sociedade capitalista, urbana, produtivista e consumista, e sua existência torna-se uma busca permanente de relações sociais duradouras.

- Que a experiência pessoal dos jovens estudados possui uma ética própria, pois valorizam em suas vidas as relações sociais, o estudo, o trabalho, a felicidade - relações sociais reproduzidas à medida que desejam que suas famílias os apoiem na realização pessoal e lhes garantam a sobrevivência.

- A contemporaneidade na cidade de Belém para os jovens entrevistados revela que o que lhes agrada na rua são as pessoas, a paisagem, os equipamentos urbanos, pois na cidade há coisas para serem admiradas, e o que mais desagrada os jovens na cidade são os problemas estruturais existentes, o controle social, como censura, e a pouca civilidade revelando uma visão crítica, ainda que fragmentada, da cidade. E revela, também a preocupação que têm com outros jovens e fazem propostas de intervenção. Para isso, colocariam nos bairros: educação e escolas profissionalizantes, espaços para esporte e lazer e uma pessoa responsável para zelar por esse bem público.

Eles apresentam propostas de intervenção como referências necessárias para as políticas públicas concernentes à juventude, e estão relacionadas com educação e escolas profissionalizantes, oportunidades de acesso a emprego e criação de espaço cultural. E, com um destaque, reconhecem a importância de iniciativa do próprio jovem.

Os jovens, em Belém, conhecem muito bem cultura urbana, pois vivem nela. Por isso, precisam de segurança e de direitos civis. Mesmo que reconheçam a existência de práticas violentas, de desigualdade social e de problemas estruturais, revelam capacidade de indicar alternativas para o desenvolvimento da segurança urbana, e como diz Caccia-Bava (2004, p.60) “[...] para além dos horizontes dos bairros, eles expuseram seu olhar sobre a cidade.”

O processo de contradições vivido por jovens integrantes de famílias de baixa renda dos bairros periféricos parece estar associado à intensidade das carências vividas por esses jovens, ao longo de sua infância.

Os depoimentos que nos foram dados indicaram que a experiência dos jovens na cidade de Belém está atrelada à experiência coletiva de uma parte dos habitantes da região Amazônica que produzem sua

**Artigo - A experiência construída pelos jovens urbanos de Belém no Pará:
relatos de uma pesquisa**

existência pela força da solidariedade de seus povos, e que a sociedade contemporânea, no norte do Brasil, convive simultaneamente com o ritmo de vida da sociedade nativa. Se, do lado urbano, existe o emprego, as escolas e as universidades que formam os técnicos e administradores e o Estado para organizar essas modernas relações sociais, do outro lado estão muitas pessoas expressando uma simplicidade de vida e uma intensa disposição afetiva e existencial.

E assim a importância dos grupos à sociabilidade juvenil é que eles fazem a difícil transição do indivíduo da esfera familiar para os grupos mais amplos. O grupo supera em muitos casos a experiência pessoal, mas não a elimina. A experiência particular e a experiência coletiva formam um par inseparável na convivência social juvenil reorientando seus valores e reinventando a construção social.

Só um ser novo, ousado e ativo avalia seus atos e das outras pessoas para reconstruir caminhos, sonhos e soluções. Esse ser jovem aqui apresentado é ser capaz de refletir sobre a vida, sobre a realidade e assumir uma posição de que há uma contradição entre a ação realizada e a concepção de mundo desejada.

No estudo realizado, reconhecer o "lugar do jovem" na Amazônia paraense, significa construir um compromisso ético e cidadão com um outro mundo possível para os pesquisadores da Sociologia da juventude, para os próprios jovens e para a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

BRITO, D. C. de. **A modernização de superfície**: estado e desenvolvimento na Amazônia. Belém: UFPA/NAEA/PDTU, 2001.

CACCIA-BAVA, A. Direito civil dos e insegurança urbana. **Estudos de sociologia**, Araraquara, n.17, p.41-64, 2.sem. 2004.

CARIA, T. A reflexividade e a objectivação do olhar sociológico na investigação etnográfica. **Revista crítica de ciências sociais**, Coimbra, n.55, p.5-36, nov. 1999.

DANTAS, I. (Ed.). **Juventude brasileira e democracia**: participação, esferas e políticas públicas. Relatório Final – Região Metropolitana de Belém. Belém: Instituto Polis, Ibase e Unipop, 2005. Disponível em: <http://www.ibase.br/pubibase/media/ibase_relatorio_juventude.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2010.

DIAS, E. F. et al. **O outro Gramsci**. São Paulo: Xamã, 1996.

**Artigo - A experiência construída pelos jovens urbanos de Belém no Pará:
relatos de uma pesquisa**

FONSECA, M. de F. da. **Jovens urbanos dos povos da Amazônia na cidade de Belém/PA**. 2006. 195f. Tese (Doutorado em Sociologia)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

PERFIL da Juventude Brasileira. São Paulo: Projeto Juventude/Instituto Cidadania, 2003. Disponível em:
<[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/00B55098FC51A92C83256E86005F7E51/\\$File/NT00048B96.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/00B55098FC51A92C83256E86005F7E51/$File/NT00048B96.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2010.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARBOSA, M. M. Os herdeiros dos cabanos: uma análise da apropriação da Cabanagem pela Prefeitura de Belém: 1997-2000. In: BEZERRA NETO, J. M.; GUZMÁN, D. (Org.). **Terra matura**: historiografia e história social na Amazônia. Belém: Paka-Tatu, 2002. p.151-170.

BRANCO, S. M. **O desafio amazônico**. São Paulo: Moderna, 1989.

CACCIA-BAVA, A.; PÂMPOLS, C. F.; CANGAS, Y. G. (Org.). **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras, 2004.

CASTRO, E. **Globalização, dinâmica dos atores sociais e novas frentes do desmatamento e exclusão social na Amazônia**. Belém: NAEA/PLADES, 2005a.

_____. **Transformações ambientais na Amazônia**: problemas locais e desafios internacionais. Belém: NAEA/PLADES, 2005b.

CASTRO, E.; MOURA, E. A. F.; MAIA, M. L. (Org.). **Industrialização e grandes projetos**. Belém: Ed. UFPA, 1995.

CASTRO, E.; PINTON, F. **Faces do trópico úmido**. Belém: CEJUP/UFPA/NAEA, 1997.

**Artigo - A experiência construída pelos jovens urbanos de Belém no Pará:
relatos de uma pesquisa**

CASTRO, E. M. R.; HÉBETTE, J. (Org.). **Na trilha dos grandes projetos:** modernização e conflito na Amazônia. Belém: UFPA: NAEA, 1989.

CASTRO, E. M. R.; MARIM, R. A. (Org.). **Amazônia em tempo de transição.** Belém: UFPa/NAEA: ARNI: CELA, 1989. (Série Cooperação Amazônica).

COSTA, J. F.; BARBA, E.; BETTO, Frei. **Ética.** Rio de Janeiro: Garamond, 1997.

_____. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e Sociedade:** trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Instituto Cidadania; Ed. Abramo, 2004.

DI PAOLO, P. **Cabanagem:** a revolução popular da Amazônia. Belém: CEJUP, 1990.

DOWBOR, L. **A reprodução social:** propostas para uma gestão descentralizada. Petrópolis: Vozes, 1998.

GUIMARÃES, N. A. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira:** análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania, 2005. p.149-174.

MANIFESTO DAS CIDADES. Disponível em:
<WWW.urbansecurity.org/fesu>. Acesso em: 06 jan. 2006.

RODRIGUES, E. J. **Banidos da cidade e unidos na condição.** Belém: NAEA/UFPA, 1998.

SINGER, P. A Juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira:** análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania, 2005. p.27-35.

THOMPSON, E. P. O termo ausente: Experiência. In: _____. **A miséria da teoria ou, um planetário de erros:** uma crítica ao pensamento de althusser. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p.180-201.

**Artigo - A experiência construída pelos jovens urbanos de Belém no Pará:
relatos de uma pesquisa**

ZANETI, H. **Juventude e revolução**. Brasília: EdUnB, 2001.

ZICCARDI, A. **Pobreza, desigualdade social y ciudadanía**: los limites de las Políticas Sociales em América Latina y el Caribe. Buenos Aires: CLACSO, 2001.